



A evolução do manual escolar entre 1975 e 2014

ORE – Observatório dos Recursos Educativos
Novembro de 2015

Adalberto Dias de Carvalho
Coordenador e investigador do ORE

Nuno Fadigas
Investigador do ORE

Apresentação-síntese do estudo

Este estudo tem como objetivo central analisar a evolução do manual escolar em Portugal nos últimos 40 anos. A opção pelo ano de 1975 como referência cronológica inicial está naturalmente relacionada com a instauração da democracia e o fim de um regime político que controlava autoritariamente a educação e, nesse contexto, os próprios manuais subordinados ao sistema do livro único.

A análise empreendida permitiu verificar que, durante o período de 40 anos considerado (1975-2014), **se registaram importantes alterações e uma considerável evolução do manual escolar em Portugal**, as quais exigem uma ponderação cuidada de modo a serem evitadas intuições precipitadas ou a imposição de lugares-comuns, extremamente habituais neste domínio.

De facto, só um inventário minucioso de dados, acompanhado de um trabalho de criteriosa reflexão, pode não só evitar uma indesejável ausência de rigor no que tem a ver com os juízos formulados acerca

da realidade considerada como ser também um contributo para a clarividência das decisões a tomar no momento atual.

O presente estudo pretende ser um contributo para que se atinjam tais finalidades.

Assim, os dados compilados permitem concluir o seguinte:

- a) Os manuais escolares foram sempre acompanhando a evolução tecnológica**, não só no que se refere ao domínio das artes gráficas, mas também das tecnologias da informação e da comunicação, designadamente através da progressiva incorporação destas novas “linguagens” nos projetos finais – do VHS ao CD e DVD-ROM, até às mais recentes plataformas da Internet.
- b) Os manuais escolares, inscrevendo-se numa pedagogia “realista”, têm dado à imagem uma atenção em crescendo, sem sacrifício da palavra.**
- c) A transposição didática é uma realidade consolidada nos atuais manuais escolares** que, progressivamente, foram abandonando a mera exposição com residual recurso à exercitação e o predomínio de uma linguagem vincadamente académica.
- d) O manual escolar cresceu fisicamente ao longo dos anos**; quando comparado com os primeiros exemplares, da década de 70, verifica-se que o formato e o número de páginas são hoje maiores. Apesar disso, os números que caracterizam a maioria dos manuais de 2014 não são, neste capítulo, em termos comparativos, muito díspares.
- e) O manual escolar é hoje muito mais do que apenas um livro.** Neste contexto, é curiosa a expressão que aparece num manual escolar de História (1999) que intitula uma das rubricas finais com a designação “Para lá do livro”, a qual se constitui como um repositório de sugestões de programas de computador, livros, visitas de estudo, etc.
- f) A assunção paradigmática de manual (escolar) como projeto (escolar) não implicou, em termos genéricos, um empobrecimento do manual, do livro propriamente dito, que é a parte central do projeto. De facto, como os números evidenciam, não é porque, por exemplo, há agora a generalizada oferta de um caderno de atividades que o manual escolar vê, em si mesmo, diminuída a quantidade de exercícios oferecidos aos alunos. **Com o enriquecimento do projeto, no seu todo, parece ficar também enriquecido o próprio manual escolar.****
- g) O projeto (escolar) de hoje, ao contrário do simples manual (escolar), constitui um recurso em condições de acompanhar sistematicamente a prática letiva.** A disponibilização, por exemplo, de um teste de avaliação pedagógica faz retroagir a sua utilização para um momento

anterior à exposição do programa; por seu turno, a oferta de testes globais, situados além da avaliação sumativa com testes “locais”, permite a sua aproximação ao que habitualmente se afirma ser um exame. A estas extensões acresce ainda um intuito de coordenação: as planificações globais e de aula, hoje universalmente disponibilizadas com o manual, acabam por funcionar como esquemas organizadores e integradores dos vários elementos que constituem o respetivo projeto.

- h)** Ao longo dos anos os materiais desenvolvidos pelas editoras especificamente para os professores foram aumentando significativamente em termos de quantidade e de qualidade. **Hoje em dia, os professores dispõem de imensos materiais com garantia de qualidade, o que lhes permite poupar muito tempo na pesquisa, desenvolvimento ou organização de materiais de apoio às suas aulas**, proporcionando-lhes a possibilidade de usar o tempo economizado numa maior dedicação à gestão da aprendizagem dos seus alunos.
- i)** A consulta direta efetuada junto dos editores, paralela à análise de manuais escolares, permite perceber que, curiosamente, **os custos de produção dos materiais digitais são significativamente superiores aos dos livros impressos de que derivam**. Consequentemente, a evolução verificada nos projetos escolares – considerando todos os materiais impressos e digitais – resulta de um esforço elevado ao nível de investigação e de produção de conteúdos, mas parece claro que, no período em análise, este investimento resultou na possibilidade de diversificar e atualizar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o aparentemente mais motivador e consentâneo com o que a evolução dos tempos parece determinar – o que será de se avaliar com maior pormenor em estudos futuros.
- j)** **O manual escolar não pode assim ser considerado, hoje, face a tudo o que neste estudo foi analisado, simplesmente como um livro ou um livro como outro qualquer**. Sendo naturalmente um livro, é também mais do que isso: é o centro de um feixe de conexões com outros dispositivos (conteúdos multimédia, livros, locais para visitas de estudo, etc.) por ele pedagogicamente sugeridos e regulados, os quais completam, entre outros desígnios, o da disponibilização didaticamente organizada de um conjunto de conteúdos programáticos.